

POR QUE MULHERES EM POSIÇÃO DE LIDERANÇA INCOMODAM TANTO?

Adriana Aparecida dos Santos. Aluna não regular do Mestrado Unespar.
Eliane Rose Maio, Professora do Programa de Pós-graduação em Educação
(PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Introdução

Historicamente, as mulheres foram apagadas da vida política e social, enquanto esses direitos se mantiveram restritos aos homens (Suelen Soares Barcelo de Miranda, 2025)¹. A partir de Miranda (2025), observa-se que votar, se candidatar, estudar, trabalhar e falar em público foi por longo tempo proibido para o público feminino. Partindo desses pressupostos, o presente trabalho tem como tema geral as questões de gênero e visa integrar o eixo Direitos Humanos, Diversidade e Interseccionalidade.

O objetivo geral se destina a debater sobre os estereótipos de gênero instaurados socialmente para a manutenção de poder hegemonicamente masculino, questionando: Como os estereótipos de gênero influenciam a percepção social sobre mulheres em posições de liderança? A hipótese levantada é que os estereótipos de gênero influenciam negativamente a percepção social sobre mulheres em posições de liderança, uma vez que a perpetuação de papéis tradicionais de gênero, frequentemente legitimada por discursos de defesa da tradição e dos costumes, contribui para a manutenção da hegemonia masculina nos espaços de poder.

A metodologia aponta uma pesquisa qualitativa, documental e descritiva. A análise documental parte do filme O Diabo Veste Prada (2006), em articulação com as referências bibliográficas utilizadas. A revisão de literatura conta com materiais impressos e digitais que dialogam sobre questões de gênero, mídias e feminismos.

Mediante os expostos, o estudo refletirá a mídia e os discursos sociais

¹ As referências serão apresentadas com nomes completos a primeira vez que citadas, como compromisso acadêmico ético, buscando legitimar e não silenciar autorias femininas (Miranda, 2025).

na construção de estereótipos relacionados às mulheres em posição de liderança, discutindo possíveis impactos na percepção da sociedade frente às mulheres líderes.

Materiais e métodos

Este estudo caracteriza-se como uma análise documental descritiva de abordagem qualitativa, utilizando como objeto de análise o filme *O Diabo Veste Prada* (2006). De acordo com Antonio Carlos Gil (2019), documentos não são exclusivamente materiais impressos, ou mesmo documentos físicos pessoais emitidos por órgãos governamentais, mas fontes diversificadas, o que nos permite utilizar a produção cinegráfica descrita anteriormente.

A revisão de literatura sobre gênero, mídia e liderança feminina busca compreender como determinadas representações reforçam estereótipos sociais relacionados às mulheres em espaço de poder. O filme foi escolhido por apresentar uma personagem feminina em posição de liderança e por possibilitar reflexões acerca das representações sociais de gênero presentes na mídia. O cinema foi compreendido como um produto audiovisual da cultura capaz de reproduzir, reforçar ou questionar representações sociais relacionadas aos papéis de gênero.

Resultados e Discussão

Em *O Diabo Veste Prada* (2006), a protagonista Miranda Priestly é constantemente associada a características negativas que ultrapassam sua atuação profissional. Em determinado momento do filme, sua assistente Andreia afirma que, caso Miranda fosse homem, sua postura rígida seria interpretada somente como competência profissional.

Tal fala evidencia como comportamentos são socialmente aceitos em lideranças masculinas, diferentemente quando associados às mulheres. Isso ocorre pois os moldes sociais hegemônicos reforçam a ideia de docilidade e fragilidade feminina, negando a força, a resistência e as potencialidades das mulheres (Miranda, 2025). Além disso, o filme evidencia como a mídia e os discursos sociais reforçam estereótipos de gênero por meio de alcunhas e

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

representações simbólicas atribuídas às mulheres em posições de poder.

Hilary Marion Lips (2016) afirma que diferentes líderes femininas foram chamadas pela mídia em seus respectivos países de “Dama de Ferro” ou de “Mãe do Povo”. Essas construções reforçam a ideia de que, para ocupar espaços de liderança, muitas mulheres acabam sendo associadas à frieza, isolamento ou abdicando da vida afetiva ou assumindo uma postura maternal. A representação de Miranda dialoga com a análise de Lips (2016), segundo a qual mulheres líderes são frequentemente descritas pela mídia por meio de atributos relacionados à frieza, dureza ou excepcionalidade.

Sendo assim, podemos perceber como o patriarcado torna a mulher apenas uma peça da engrenagem que sustenta a sociedade e seus aparelhos ideológicos visto que por vezes a mulher é a base da família (Louis Althusser, 1985). Constatamos que, enquanto o aparelho repressivo de Estado, unificado, pertence inteiramente ao domínio público, a maior parte dos aparelhos ideológicos de Estado remetem ao domínio privado. As igrejas, os partidos, os sindicatos, as famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais e as empresas culturais são privados. Nesse ponto podemos evidenciar que a personagem Miranda Priestly pode ser interpretada como uma ruptura com o modelo histórico que associava as mulheres ao espaço doméstico e privado.

Analisando esta perspectiva junto ao contexto histórico que ao longo da civilização tenta domesticar as mulheres, notamos o reflexo disto no fato que há uma grande discrepância de posições sociais ocupadas por mulheres, como apontado por Cláudia Samuel Kessler (2012). Miranda (2025) alerta que as profissões consideradas próprias para o público feminino, tendem a estarem associadas ao cuidar, como a Enfermagem e a docência. Complementa-se que de acordo com Kessler (2012), a baixa representatividade das mulheres em sociedade precisa ser enfrentada por meio de políticas públicas.

Em completude, entende-se com Lips (2016) que a visão elitista da democracia ao restringir a política e os processos decisórios a um grupo minoritário, contribui para a concentração de poder nas mãos de poucos, comprometendo a representatividade e a participação popular. Tal cenário afeta especialmente grupos historicamente marginalizados, como as mulheres,

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

que ainda enfrentam obstáculos para acessar posições de liderança e influenciar a formulação de políticas públicas.

Assim, a baixa presença feminina em espaços de poder não pode ser compreendida apenas como resultado de escolhas individuais, mas também como reflexo de estruturas sociais e institucionais que limitam sua participação na vida pública (Isabela de Oliveira Moraes, 2024).

Considerações finais

Com base no que foi apresentado ao longo desta pesquisa podemos chegar a algumas possíveis respostas para a nossa questão inicial, e estas estão intimamente ligadas a ideia de que o patriarcado acredita ter o direito ao controle e submissão das mulheres, visto as dificuldades e obstáculos que mulheres enfrentam para assumirem posições de liderança. Logo, acredita-se ter de mudar a dinâmica vigente para a inclusão do público feminino, acreditando que mulheres na liderança produziram e produzirão mais líderes mulheres. Consequentemente, pondera-se que isso causa terror no patriarcado.

Neste contexto devemos nos questionar sobre do que, nós enquanto sociedade podemos fazer, criando estratégias educativas e de conscientização nos mobilizando e nos articulando, fomentando campanhas, palestras de conscientização, baixo assinados, uso responsável das redes sociais para combater a desinformação e disseminação de discursos de ódio contra as mulheres.

Torna-se necessário que escolas e universidades promovam ações permanentes de Educação em Direitos Humanos voltadas à reflexão crítica sobre gênero, mídia e participação social. Projetos pedagógicos, projetos de extensão, oficinas de análise crítica das redes sociais, formação continuada de professores e incentivo à participação e lideranças femininas em espaços de representação podem contribuir para a desconstrução de estereótipos que limitam a presença feminina nos espaços de poder. Tais estratégias favorecem a construção de uma cultura democrática baseada na equidade, no respeito à diversidade e na ampliação da participação cidadã.

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- O DIABO veste Prada. Direção: David Frankel. Produção: Wendy Finerman. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2006. 1 filme (109 min).
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol, é masculino? In: GT 16 – Estudos Socioculturais do Esporte, n. esp. 1, out. 2012.
- LIPS, Hilary M. **Gênero**: uma introdução. Tradução de Rinaldo Guarany. Porto Alegre: AMGH, 2016.
- MIRANDA, Suelen Soares Barcelo de. **Educação e afetividade do like ao match**: olhares das mulheres sobre heterocisnormatividades compulsórias a partir do Tinder. 169f. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá.
- MORAES, Isabela de Oliveira. Mulheres na política brasileira: progresso e obstáculos. **Revista Filosofia Capital**, Brasília, v. 20, n. 26, p. 1-18, 2024.